

EVIDÊNCIA PSICOMÉTRICA DE UM MODELO FATORIAL-CONCEITUAL CONCORRENTE DO INVENTÁRIO DE SEXISMO AMBIVALENTE EM BRASILEIROS.

Nilton S. Formiga*

Faculdade internacional da paraíba/Laureate international universities – João pessoa, pb, Brasil

RESUMO

Estudos no Brasil e outros países compreendem que o construto do sexismo é um conjunto de estereótipos que avalia cognitiva, afetiva e atitudinal o papel social apropriado dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo, este, organiza-se através do sexismo hostil e benévolo; mas, com base na perspectiva teórica do sexismo, se propõe uma estrutura fatorial hierárquica, organizada por fatores de segunda ordem. Este estudo tem como objetivo verificar uma estrutura fatorial concorrente do sexismo ambivalente. 795 sujeitos, de 18 e 47 anos, dos níveis médio e superior da rede privada e pública de educação na cidade de João Pessoa – PB responderam o Inventário de Sexismo Ambivalente e dados sócio-demográficos. Através da análise fatorial confirmatória e modelagem de equação estrutural, observou-se que a estrutura fatorial hierárquica, comparada as demais estruturas, revelou melhores indicadores psicométricos. Evidencia-se que o sexismo são mensurados por meio de subcomponentes da heterossexualidade, diferença de gênero e paternalismo.

Palavras-chave: Sexismo ambivalente; Modelo concorrente; Escala.

EVIDENCE OF A MODEL PSYCHOMETRIC FACT-CONCEPT CONCURRENT OF AMBIVALENT SEXISM INVENTORY IN BRAZILIAN

ABSTRACT

Studies in Brazil and other countries understand that sexism construct is a set of stereotypes that assesses cognitive, affective and attitudinal the appropriate social role aimed at individuals according to sex, this, is organized through hostile and benevolent sexism; but, based on the theoretical perspective of sexism, is proposed a hierarchical factor structure, organized by second-order factors. This study aims to verify a concurrent factor structure of the ambivalent sexism. 795 subjects, aged 18 to 47 years, the secondary and higher levels of private and public education in the city of João Pessoa - PB answered the Ambivalent Sexism Inventory and socio-demographic data. Through confirmatory factor analysis and structural equation modeling, was observed the hierarchical factor structure compared other structures, revealed best psychometric indicators. That sexism is evident are measured by subcomponents of heterosexuality, gender difference and paternalism.

Keywords: Sexism ambivalent; Model concurrent; Scale.

*Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor do na Faculdade Internacional da Paraíba/Laureate International Universities; Endereço para correspondência: Rua Lionildo Francisco de Oliveira, 380. Bairro dos Estados. CEP.: 58030-216. João Pessoa - PB. Brasil. E-mail: nsformiga@yahoo.com.

EVIDENCIA PSICOMÉTRICA DE UN MODELO FACTORIAL – CONCEPTUAL CONCURRENTES DEL INVENTARIO DE SEXISMO AMBIVALENTE EN BRASILEÑOS

RESUMEN

Los estudios realizados en Brasil y otros países entienden que constructo sexismo es un conjunto de estereotipos que evalúa cognitiva, emocional y actitudinal el papel social adecuada dirigida a los individuos en función del sexo, esto, es organizado por el sexismo hostil y benevolente; pero, a partir de la perspectiva teórica de sexismo, propone una estructura factorial jerárquica, organizada por factores de segundo orden. Este estudio tiene como objetivo determinar la estructura factorial competir del sexismo ambivalente. 795 sujetos, 18 y 47, de los niveles secundario y superior de la educación pública y privada en la ciudad de João Pessoa - PB respondieron el Inventario Ambivalente sexismo, y datos socio-demográficos. A través del análisis factorial confirmatorio y modelos de ecuaciones estructurales, se observó que el factor de estructura jerárquica en comparación con otras estructuras, reveló mejores indicadores psicométricos. Eso es evidente sexismo se mide por subcomponentes de la heterosexualidad, el género y la diferencia de paternalismo.

Palabras Clave: Sexismo ambivalente, modelo concurrente, escala.

O fenômeno do preconceito não acabou, ele reverbera psicossocialmente na dinâmica social; tal condição se deve, porque ainda se debate se este é um problema que tem desaparecido na nas relação interpessoais entre indivíduo-sociedade por se observar um avanço tecnológico, profissional, educacional, político e social, bem como, pela possibilidade de controle sobre qualquer manifestação discriminatória, principalmente, em relação à mulher, proibindo juridicamente (Constituição Brasileira, 2013; Moraes, 1998; Siano, 2000). O fato é que esse fenômeno tem adquirido nova forma de manifestação representada por atitudes e condutas sutis, disfarçadas, camufladas (Pettigrew & Meertens, 1995; Swim, Aikin, Hall & Hunter, 1995; Tougas, Brown, Beaton & Joly, 1995).

O preconceito é um problema bem mais profundo do que se pensa ou se quer mensurar; pois, na dinâmica social deste fenômeno tem a compreensão e interpretação da sua manifestação, em sua maior parte, assumindo 'uma máscara' dirigindo o sujeito das atitudes preconceituosa a uma espécie de deseabilidade social, fazendo com que o sujeito apresente, justamente, apenas aquilo que gostasse que fosse visto, do jeito que ele quer que seja visto, isto é, 'uma pessoa sem preconceito'; para tanto, vê-se a necessidade de instrumentos e mecanismos especializados para que se possa ter em conta o tamanho e o possível

risco da natureza preconceituosa das relações interpessoais (Formiga, 2011a; Formiga, 2011b).

Desta forma, essas novas formas do preconceito podem ser consideradas com algo que não “finge-se” não vê, salientando uma percepção social de que o preconceito frente aos grupos minoritários não ocorre no Brasil de maneira instrumental (isto é, apontando discriminativamente as minorias), pois esse fenômeno se confunde com a expressiva cordialidade saliente na dinâmica social em que atribui-se a vida do brasileiro nas relações interpessoais (Formiga et al., 2005; Lima & Vala, 2004; Rodrigues, 2006; Oliveira & Martins, 2009)

Algo semelhante pode ser comparado ao preconceito frente às mulheres; a elas são inculcados atributos de estereotipagem considerando-as pessoas responsáveis para cuidar da família, dos filhos e da casa; suas relações e papéis no matrimônio e sua sexualidade salientam um ser passivo, servidor (Borrelli, 1998; Formiga & Camino, 2001). O fato é que, de acordo com Formiga, Gouveia e Santos (2002), a distinção entre gêneros se baseou nas concepções de masculinidade e feminilidade, mas, que tinha como referência a identidade de homem e mulher aceita a partir do sexo biológico, condição que permitiu as pessoas representarem, no decorrer dos séculos, em maior ou menor graus o contexto da mulher ser inferior; devido a esta questão, é que

se viu a necessidade de construir um esquema conceitual de gênero, que por sua vez é responsável pelo processamento de novas informações e avaliações de preferências e atitudes, conformando a ideia e contribuindo para a escolha do papel sexual. Neste sentido, pode-se dizer que é através do auto-conceito ou auto-percepção que cada indivíduo incorpora os atributos instrumentais ou expressivos aceitos culturalmente e, especificamente, em relação a mulher.

Com isso, reconhece que a sociedade está impregnada de ideologias que guiam e justificam as condutas do indivíduo, fazendo com que estas sejam “comuns” e sirvam como base para que homens e mulheres adotem esquemas psicológicos e ideológicos que refletem comportamentos a respeito da formação discriminatória de papéis sexuais (Paéz, Torres & Echebarria, 1990). Para Archier (1996) estas discriminações ainda prevalecem e estão fortalecidas devido a predominância que o macho teve no passado, sustentada em concepções enviesadas que atribuíam aos homens uma diferença e maior capacidade quando comparados com as mulheres. Porém, esta forma flagrante do sexismo parece estar condenada a sucumbir; na sociedade atual, com sanções legais contra juízos e condutas discriminatórias em relação ao gênero, o sexismo parece estar tomando novos contornos; a exemplo do preconceito frente a grupos minoritários (negros, homossexuais, etc.) que passou a ser mais sutil e disfarçado (Pettigrew & Meertens, 1995; ver também Swim, Aikin, Hall & Hunter, 1995; Moraes, 1998; Siano, 2000), surgem novas formas de expressar avaliações negativas em relação às mulheres.

De acordo com Glick e Fiske (1996), esse fenômeno discriminatório tem se apresentado sob novas formas modernas, as quais esses autores consideram-na em sua dinâmica social uma forma ambivalente. Concretamente, o sexismo ambivalente é compreendido como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo. As formas de sexismo são ambivalentes, não somente porque são indiretas, mas também, por

acarretar emoções negativas e positivas, as quais de dupla valência afetivas, principalmente, quando se considera sua prática e expressão discriminatória tradicional, as quais se apresentam como:

- sexismo hostil é uma expressão flagrante, aberta e explícita do preconceito em relação às mulheres. Este tem sido extensamente tratado (Glick & Fiske, 1996, 2001), porém não permite compreender totalmente a direção que toma o sexismo na sociedade atual. Esta forma de sexismo, justificado a luz da busca de igualdade em direitos e deveres entre os gêneros (Siano, 2000), evidencia crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão;

- sexismo benévolo se constitui a partir das concessões e tratamentos diferenciados entre homens e mulheres, referindo-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, porém descrevendo-a como pessoa frágil, necessitando de atenção, proteção e provisão por parte dos homens (Pettigrew & Meertens, 1995; Glick & Fiske, 1996).

De acordo com Glick e Fiske (1996) e Mladinic et al. (1998), essas formas sutis do sexismo (hostil e benévolo), estariam interligadas pelos mesmos três subcomponentes:

Paternalismo. Refere-se ao relacionamento que se estabelece com a mulher no mesmo sentido que um pai se relaciona com o seu filho, podendo ter um matiz tanto de domínio (paternalismo dominante) como de afeto e proteção (paternalismo protetor). O primeiro tipo corresponde ao sexismo hostil, caracterizando a mulher como uma pessoa geralmente incapaz e que portanto necessita de uma figura masculina superior; o segundo cobre a expressão do sexismo benévolo, assumindo que a mulher é um ser débil que necessita ser protegido e mantido pelo homem.

Diferenciação de Gênero. No sexismo hostil esta diferenciação se apresenta como competitiva, percebendo-se o homem como exclusivo possuidor de traços e habilidades que são necessários para dirigir as instituições sociais

mais importantes. No caso do sexismo benévolo, tem lugar uma diferenciação complementar, onde são identificados atributos positivos na mulher mas que são complementares aos que possuem os homens.

Heterossexualidade. Destaca-se por um lado que a mulher usa seu atrativo e poder sexual para dominar o homem, e a motivação sexual deste está associada a um desejo de intimidade com a mulher (sexismo hostil); por outro lado, reconhece-se que tanto o homem como a mulher não podem ser completamente felizes em suas vidas se carecem um do outro. A crença neste caso, válida principalmente para a mulher, é que sem um companheiro a pessoa deve ser digna de compaixão e ajuda (sexismo benévolo).

No Brasil, o inventário de sexismo ambivalente, desenvolvido por Glick e Fiske (1996), foi adaptado por Formiga, Gouveia e Santos (2002) em uma amostra de jovens universitários paraibanos que observaram índices de consistência interna e relação itens-fator confiáveis. Ferreira (2004) desenvolveu um trabalho semelhante, verificando, a partir de uma análise exploratória, a bi-dimensionalidade do construto do sexismo ambivalente, obtendo consistência interna aceitável. Na mesma direção, Formiga (2005) comprovou mais uma vez que, tanto a relação itens-fator quanto os índices de consistência interna, os resultados foram semelhantes aos observados nas pesquisas já desenvolvidas com esse instrumento. De acordo com Formiga (2010), a partir de uma análise fatorial confirmatória e a modelagem de equação estrutural este autor comprovou que o inventário de sexismo ambivalente se estruturavam nas mesmas dimensões encontradas nos estudos exploratórios.

Apesar da segurança dos resultados nos estudos supracitados em relação ao inventário de sexismo ambivalente, questionou-se, no presente estudo, o motivo dos autores não avaliarem a direção teórica e de conteúdo conceitual para as dimensões propostas Glick e Fiske (1996), principalmente, quanto a interligação dos três subcomponentes, os quais, são capazes de formar o sexismo (isto é, paternalismo, heterossexualidade e diferença de gênero); mas,

em recente pesquisa nos sites de busca dos artigos, encontrou-se apenas um estudo que ensaia essa possibilidade teórica-empírica; o estudo de Vaamonde e Omar (2012), a partir uma análise exploratória e confirmatória com sujeitos argentinos, estes autores, observaram a existência de um fator de segunda ordem para o sexismo benévolo, compostos pelos sub componentes do paternalismo, heterossexualidade e diferença de gênero, seguindo direção semelhante a que Glick e Fiske (1996) estabeleceu. Mesmo que tais estudos tenham apresentados indicadores confiáveis, questiona-se a respeito da existência desses subcomponentes estarem presentes, também, no sexismo hostil; afinal, Glick e Fiske (1996), julga ser possível encontrar neste tipo de sexismo mais tradicional (o hostil) a base teórica e social para a existência deste fenômeno embasada nos componentes do paternalismo, heterossexualidade e diferença de gênero.

Considerando tais reflexões, pretende-se avaliar a partir da modelagem de equação estrutural o inventário de sexismo ambivalente a partir da perspectiva teórica, propondo um modelo hierárquico com uma estrutura fatorial que contempla o fator do sexismo benévolo e hostil, com cada um desses fatores se organizando nos subcomponentes paternalismo, heterossexualidade e diferença de gênero.

MÉTODOS

Amostra

Participaram do estudo, 795 sujeitos, com idades compreendidas entre 18 e 47 anos ($M = 21$; $DP = 8,23$) participaram do estudo. Os sujeitos foram distribuídos nos níveis escolares médio e superior, da rede privada e pública de educação na cidade de João Pessoa – PB. No que se refere ao estado civil, a maioria (57%) indicou ser solteira. Essa amostra foi intencional, pois, o propósito era garantir a validade interna dos resultados da pesquisa.

Instrumento

Os sujeitos responderam ao seguintes questionário:

O *Inventário de Sexismo Ambivalente* (ISA) desenvolvido por Glick e Fiske (1996):

trata-se um instrumento constituído por 22 itens em que o indivíduo tem de assinalar apenas uma opção numa escala de tipo *Likert* de 1-5 (1- discordo totalmente, 2- discordo, 3- nem concordo, 4- concordo, e 5- concordo totalmente). Este inventário tem como objetivo avaliar idéias sexistas, quer de um ponto de vista benévolo, quer de um ponto de vista hostil.

Glick e Fiske (1996) realizaram vários estudos para a elaboração e validação da prova. Desta forma, o ISA era constituído inicialmente por 140 itens. Seguidamente, os autores aplicaram uma versão reduzida da escala composta por 22 a 32 itens a várias amostras. Relativamente à fidedignidade do ISA, os autores obtiveram valores de coeficientes de consistência interna aceitáveis nos estudos com amostras de outros países (por exemplo, EUA, Chile, México, Coreia, Alemanha, Brasil, etc.) garantindo a sua estrutura bifatorial em relação às atitudes sexistas hostis e benevolentes. A escala final ficou reduzida a 22 itens distribuídos em dois fatores: O fator 1 (itens: 2, 4, 5, 7, 10, 11, 14, 15, 16, 18 e 21) reflete o sexismo hostil, uma vez que demonstra um preconceito mais evidente face ao gênero feminino e o fator 2 (itens: 1, 3, 6, 8, 9, 12, 13, 17, 19, 20 e 22) diz respeito ao sexismo benévolo, na medida em que demonstra uma forma sutil de diferenciação das mulheres.

Além do ISA, responderam também alguns dados sócio-demográficos, por exemplo: idade, sexo, renda econômica.

Procedimentos

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CNS, 1996; ANPEPP, 2000).

Administração

O instrumento da pesquisa foi administrado aos sujeitos do ensino médio e superior em distintas instituições pública e particular, em contexto de sala de aula, na cidade de João Pessoa-PB. A eles era solicitado a participação no estudo, o qual, pretendia avaliar a percepção das pessoas relativamente às relações mantidas por diferentes grupos sociais em relação

ao gênero.

As pessoas que mostraram interesse e que deram o seu consentimento em participar neste estudo foram esclarecidas de que não havia respostas certas ou erradas, e que respondessem de acordo com o que pensavam; foi assegurado o anonimato das suas respostas, e que as mesmas seriam tratadas em seu conjunto. Desta forma, contando com as instruções necessárias para que o questionário pudesse ser respondido, os pesquisadores, em seus respectivos países, estiveram presentes durante toda a aplicação para o esclarecimento das dúvidas que surgissem. Um tempo médio de 20 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Nos estudos anteriores, utilizou-se o pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 21.0, para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas e os cálculos referentes ao Alfa de Cronbach (α). Apesar da garantia na relação item-fator, na análise exploratória e as correlações internas entre fatores de cada escala encontrada nos estudos Glick e Fiske (1996), Formiga et al. (2002), Ferreira (2004) e Formiga (2005), tais cálculos se baseiam apenas nos dados obtidos, desconsiderando um modelo teórico fixado, capaz de orientar a extração das dimensões latentes, justamente, porque nas análises exploratórias não é possível apresentar qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo.

As técnicas de análise de modelagem estrutural têm a vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresenta indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente sobre a validade de construto da medida analisada. Com isso, efetuou-se uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), gerando Modelo de Equação Estrutural (MEE) a partir do AMOS GRAFICS (versão 21.0) para comprovar, com maior robustez, a estrutura do inventário de sexismo ambivalente em brasileiros.

- Para realização da análise fatorial confirmatória, pretendeu-se testar a adequação do modelo quanto a sua bidimensionalidade e a proposta de um modelo de segunda ordem. Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador ML

(Maximum Likelihood). Este tipo de análise estatística é mais criterioso e rigoroso do que o anterior – Principais Componentes - (PC) utilizado nos estudos anteriormente citados; isto permite testar diretamente uma estrutura teórica, como a proposta pelos autores que adaptaram o mesmo inventário para o Brasil.

Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Byrne, 1989; Joreskög & Sörbom, 1989; Van de Vijver & Leung, 1997; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Bilich, Silva & Ramos, 2006), por exemplo:

- χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor, pior o ajustamento. Este tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação ao grau de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.

- Raiz Quadrada Média Residual (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero;

- Goodness-of-Fit Index (GFI) e o Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI) são análogos ao R^2 em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Estes variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superior, indicando um ajustamento satisfatório.

- *Comparative Fit Index* (CFI) compara, de forma geral, o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório.

- Tucker-Lewis Index (TLI), apresenta uma medida de parcimônia entre os índices do modelo proposto e do modelo nulo. Varia de zero a um, com índice aceitável acima de 0,90.

- Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0,05 e

0,08, aceitando-se valores de até 0,10.

- Expected Cross-Validation Index (ECVI) e o Consistent Akaike Information Criterion (CAIC) são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC expressam o modelo com melhor ajuste.

RESULTADOS

A partir da coleta de dados, tomou-se como base de orientação do modelo, o estudo original de Glick e Fiske (1996), bem como, o estudo de Formiga, Gouveia e Santos (2002) em relação a proposta conceitual que esses autores apresentaram no que se refere ao modelo bifatorial hierárquico; teoricamente, o fator do sexismo benévolo e o hostil são organizados a partir das concepções sobre paternalismo, diferença de gênero e heterossexualidade, hipoteticamente, existiriam fatores de segunda ordem, proposta que ainda não verificada em estudos no Brasil.

Tem tal orientação, geraram-se os modelos unifatorial e bifatorial, comparando o modelo hierárquico que se pretendeu, o qual contempla os fatores do sexismo benévolo e hostil distribuído em fatores de segunda ordem; os resultados revelaram que, ao comparar os modelos estabelecidos ao modelo hipotetizado, este último, revelou indicadores psicométricos melhores do que nos demais modelos (tabela 1). Além desses indicadores observados na tabela, outros indicadores parcimoniosos (por exemplo, o AIC, BIC e BCC), garantiram o modelo hipotetizado, justamente, por serem, acompanhados do CAIC e ECVI, um indicador comparativo para verificar a melhor estrutura fatorial, estes tiveram melhores resultados em relação aos outros modelos: $AIC_{\text{modelo4}} = 532,27$, $BIC_{\text{modelo4}} = 855,72$ e $BCC_{\text{modelo4}} = 536,27$; $AIC_{\text{modelo3}} = 521,91$, $BIC_{\text{modelo3}} = 840,04$ e $BCC_{\text{modelo3}} = 525,96$; $AIC_{\text{modelo2}} = 823,76$, $BIC_{\text{modelo2}} = 1132,53$ e $BCC_{\text{modelo2}} = 827,70$; por fim, $AIC_{\text{modelo1}} = 1277,98$, $BIC_{\text{modelo1}} = 1582,08$ e $BCC_{\text{modelo1}} = 1281,86$.

Tabela 1.

Indicadores psicométricos da comparação da estrutura fatorial-conceitual do inventário de sexismo ambivalente.

Modelos	Medidas de ajuste absoluto				Medidas de ajuste incremental			Medidas de ajuste parcimonioso	
	χ^2/gf	RMR	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA (intervalo)	CAIC	ECVI (intervalo)
Modelo 1*	4,23	0,11	0,91	0,88	0,83	0,80	0,06 (0,05-0,07)	1312,30	1,15 (1,05-1,27)
Modelo 2**	2,85	0,07	0,94	0,92	0,90	0,88	0,06 (0,04-0,05)	1065,24	0,83 (0,75-0,92)
Modelo 3***	1,95	0,05	0,96	0,95	0,95	0,94	0,05 (0,03-0,05)	912,72	0,63 (0,57-0,70)
Modelo 4****	2,41	0,07	0,95	0,94	0,94	0,92	0,06 (0,03-0,06)	956,81	0,76 (0,66-0,78)

Notas: *Modelo unifatorial; **Modelo bifatorial; *** Modelo bifatorial de hierárquico. **** modelo com apenas o sexismo benévolo organizado em segunda ordem.

Vale destacar que todas as saturações (Lambdas, λ) estiveram dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas com a estimação proposta, com todas são estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$) garantindo a qualidade da validade estrutural (ver tabela 2). Observaram-se

associações lambdas (λ) positivas entre os fatores de segunda ordem para o sexismo benévolo e o hostil, ambos, estão interligados pelos fatores paternalismo, diferença de gênero e heterossexualidade, os quais, contribuem para a formação desse construto (ver tabela 2)

Tabela 2.
Estrutura fatorial do sexismo ambivalente (modelo hierárquico).

ξ (construto)	λ	ε (erros)	ξ (construto hierárquico)	χ (variáveis [itens])	λ	ε (erros)
Sexismo Hostil (SH)	0,92	0,89	Heterossexual	sa04	0,41	0,17
				sa11	0,64	0,41
				sa15	0,61	0,37
				sa18	0,40	0,16
				sa05	0,53	0,28
	0,89	0,79	Diferença de Gênero	sa10	0,75	0,56
				sa14	0,30	0,18
				sa02	0,40	0,16
				sa07	0,53	0,28
				sa16	0,61	0,36
Sexismo Benévolo (SB)	0,58	0,33	Heterossexual	sa21	0,44	0,19
				sa01	0,57	0,33
				sa06	0,63	0,40
				sa12	0,71	0,51
	0,74	0,55	Paternalismo	sa13	0,45	0,31
				sa03	0,42	0,17
				sa09	0,51	0,26
				sa17	0,61	0,37
0,76	0,58	Diferença de Gênero	sa20	0,65	0,42	
			sa08	0,38	0,18	
			sa19	0,51	0,26	
				sa22	0,53	0,35

Notas: λ = Escores fatoriais da estrutura; ε (erros) = Erros de medida da estrutura; χ = variáveis (itens); ξ = construto psicológico.

Sexismo Benévolo = SB; Sexismo Hostil = SH.

Esses resultados corroboram a estrutura psicométrica composta por dois fatores, os quais, hierarquicamente, se organizaram no sexismo benévolo e hostil distribuídos em fatores de segunda ordem; estes subfatores revelaram tanto a consistência da teoria proposta por Glick e Fiske (1996), Expósito, Moya e Glick (1998) e Mladinic et al. (1998), quando consideraram a existência de uma relação dos componentes do paternalismo, diferença de gênero e heterossexualidade como formador do sexismo ambivalente, bem como, observou-se uma consistência empírica, pois, tal modelo hierárquico foi o que melhor avaliou o

sexismo neste estudo.

Observaram-se que as associações lambdas (λ) entre os fatores além de revelarem boa força associativa entre elas (variando de 0,33 a 0,92), principalmente entre o sexismo hostil e benévolo (= 0,59), também, é possível observar que tal resultado é confirmado pela observação das estimativas de predição a partir da análise de regressão para tal modelo, as quais identificam as variáveis como significativas e com uma razão critério dentro do que é estatisticamente exigido (ver tabela 3).

Tabela 3.

Indicadores das estimativas preditivas entre os fatores do sexismo ambivalente (modelo hierárquico).

Fatores-itens do sexismo ambivalente		Estimativa	d.p.	Razão Crítério	p<
DGsb	<---	SB	1,000	---	---
HETsb	<---	SB	1,000	---	---
PATENsb	<---	SB	1,000	---	---
HETbh	<---	SH	1,000	---	---
DGsh	<---	SH	1,000	---	---
PATENsh	<---	SH	1,000	---	---
sex20	<---	PATENsb	1,000	---	---
sex17	<---	PATENsb	1,000	0,084	11,974 ***
sex09	<---	PATENsb	0,654	0,061	10,762 ***
sex03	<---	PATENsb	0,671	0,074	9,080 ***
sex13	<---	HETsb	1,000	---	---
sex12	<---	HETsb	0,750	0,062	12,177 ***
sex06	<---	HETsb	0,861	0,074	11,577 ***
sex01	<---	HETsb	0,653	0,059	11,109 ***
sex22	<---	DGsb	1,000	---	---
sex19	<---	DGsb	0,706	0,083	8,527 ***
sex08	<---	DGsb	0,413	0,073	5,689 ***
sex05	<---	PATENsh	1,000	---	---
sex10	<---	PATENsh	0,650	0,099	13,735 ***
sex14	<---	PATENsh	0,900	0,169	5,974 ***
sex02	<---	DGsh	1,000	---	---
sex07	<---	DGsh	0,491	0,117	11,891 ***
sex16	<---	DGsh	0,500	0,119	12,611 ***
sex21	<---	DGsh	0,430	0,101	10,242 ***
sex04	<---	HETbh	1,000	---	---
sex11	<---	HETbh	0,701	0,129	13,179 ***
sex15	<---	HETbh	0,581	0,120	13,144 ***
sex18	<---	HETbh	0,863	0,094	9,153 ***

Notas: DG = Diferença de gênero; HET = Heterossexual; PATERN = Paternalismo; SB = Sexismo Benévolo; SH = Sexismo Hostil;

sex 01....sex22 = itens do sexismo ambivalente.

DISCUSSÃO

Considerando estes resultados é possível destacar a garantia do modelo bifatorial de segunda ordem que avalia o sexismo ambivalente; este construto pode ser considerado capaz de mensurar as o sexismo sob as suas duas formas de preconceito, as quais, servem para legitimar mecanismos de manutenção de uma desigualdade

de gênero, pautadas em três subcomponentes teóricos: no paternalismo, que visa as relações de domínio por parte dos homens frente as mulheres; na diferença de gênero, referindo-se a traços e atributos diferentes para homens e mulheres como uma condição, *sine quo non*, de competitividade social e profissional e por fim, na heterossexualidade, que diz respeito ao uso dos atrativos de sensualidade e sexual para dominar a

vida social, pessoal e profissional.

O fato de tais resultados divergirem dos achados em outros estudos (por exemplo, Ferreira (2004; Glick et al. 2000; Formiga et al. 2002; Formiga, 2005; Vaamonde & Omar, 2012) no que diz respeito a fatorialidade dos itens, seja em sua análise dos principais componentes ou na análise confirmatória, não é possível afirmar que as demais pesquisas são insuficientes ou tangenciaram a perspectiva teórica estabelecida por Glick e Fiske (1996); que se pretendeu, no presente estudo, foi detalhar com maior especificidade a proposta de Glick e Fiske (1996) e seguir a orientação que eles apresentam a respeito dos subcomponentes formadores do sexismo, pois, não se encontrou estudos que enfatizasse esta direção. Apenas o estudo de Vaamonde e Omar (2012) procurou ensaiar uma direção semelhante ao presente estudo, mas, os autores observaram a distribuição de segunda ordem somente para o sexismo benévolo, divergindo da sugestão de Glick e Fiske (1996), pois, para esses autores, em ambos os sexismos pode-se encontrar esses subcomponentes teóricos.

O inventário de sexismo ambivalente, neste contexto teórico-empírico, permite evidenciar o preconceito frente às mulheres, pode ser salientado nas associações itens-fator formador do construto sexismo benévolo, mas, também, poderá ser avaliado a partir de subcomponentes, por exemplo: ISA 01, ISA 06, ISA 12, ISA 13 (heterossexualidade), ISA 08, ISA 19 ISA 22 (diferença de gênero) e ISA 03, ISA 09, ISA 17, ISA 20 (paternalismo); em direção semelhante de raciocínio observou-se para o sexismo hostil, por exemplo, ISA 04, ISA 11, ISA 15, ISA 18 (heterossexualidade), ISA 02, ISA 07, ISA 16, ISA 21 (diferença de gênero) e ISA 05, ISA 10, ISA 14 (paternalismo).

De forma geral, os indicadores de bondade de ajuste apresentaram evidências da validade e robustez fatorial para o ISA em relação ao modelo, teoricamente, proposto; indicadores estes, sugeridos pela literatura deste cálculo como garantia empírica (por exemplo, χ^2/gf , GFI, AGFI, RMR, TLI, CFI, RMSEA, CAIC e ECVI). Uma atenção dispensada a estes indicadores, embasa

uma evidência empírica sobre a medida do construto na amostra pesquisada e que os respondentes foram capazes de reconhecer o sexismo e suas variações teóricas-empíricas.

Isto é, o respondente ao apresentar pontuações altas em uma das subdimensões estabelecidas para a medida do problema do preconceito, provavelmente, terá escore médio alto nas demais subdimensões e dimensão geral do sexismo ambivalente (hostil e benévolo); sendo assim, justifica-se seu emprego no contexto de pesquisa com o objetivo de avaliar acerca de variáveis antecedentes e conseqüentes sobre o preconceito frente às mulheres.

Com efeito, este estudo permitiu evidenciar que o sexismo hostil e benévolo além de ser presente na população de estudantes, poderá salientar formas alternativas de avaliação desse fenômeno nas pessoas, as quais, mensurar-se-ia em sua forma geral ou nas suas especificidades influenciadores desse construto (por exemplo, heterossexualidade, diferença de gênero e paternalismo); seja uma ou outra forma de medida de preconceito frente as mulheres, estas, servem para legitimar mecanismos de manutenção de uma desigualdade de gênero, principalmente, quando se pretender analisar a distribuição destes fenômeno a partir de variáveis sociodemográficas (idade, classe econômica, nível de estudo, religiosidade), qualificação acadêmica e profissional, relações interpessoais e íntimas.

Apesar de se observarem resultados confiáveis, alguns limites devem ser destacados no presente estudo: é preciso reunir evidências adicionais da validade e precisão dessa nova forma de avaliar o sexismo, estas, deverão contemplar validade de critério ou convergente em relação a construtos correlatos, bem como, conhecer a discriminação e representatividade dos itens e, também, a estabilidade temporal (teste-reteste) da presente medida; outro ponto importante seria em relação a replicabilidade desse estudo considerando amostras mais diversificadas quanto às características dos participantes, incluindo também jovens de diferentes contextos socioculturais e econômicos;

por fim, frente caberia também, no estudo do sexismo, uma busca da origem deste fenômeno na dinâmica interna da família, avaliando os processos de transmissão familiar e intergeracional no que se refere ao *continuum* cultural nas gerações parentais em distintos progenitores.

REFERÊNCIAS

- Archier, J. (1996). Sex differences. Em A. S. R. Manstead & M. Hewstone (Eds.), *The blackwell encyclopedia of social psychology* (pp. 520-524). Oxford: Blackwell
- Associação nacional de pesquisa e pós-graduação em psicologia – ANPEPP (2011). *Contribuições para a discussão das Resoluções CNS n.º. 196/96 e CFP N.º 016/2000*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://www.anpepp.org.br/XIISimposio/Rel_C_omissaoEticasobre_Res_CNS_e_CFP.pdf2000.
- Bilich, F.; Silva, R., & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3(2), 93-122.
- Borelli, A. (1998). Gênero: Desafios e perspectiva. *Revista Unicsul*, 4, 79-84.
- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.
- Camino, L., Silva, P., Machado, A. & Pereira, C. (2001). A face Oculta do Racismo no Brasil: Uma análise Psicossociológica. *Revista de Psicologia Política*, 1 (1). Disponível in http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/psicopol/ve_r_volume.php?cod=42 Acesso em 20 de dezembro de 2014.
- Conselho Nacional de Saúde – CNS. (1996). *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm.
- Expósito, F., Moya, M. C., & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicologia Social*, 13, 159-169.
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia da SBP*, 12, (21), 119-126.
- Formiga, N. S. (2011a). Inventário de Sexismo Ambivalente: Um estudo a partir da modelagem de equação estrutural. *Revista de psicologia da UFC*, 2(1), 104-116.
- Formiga, N. S. (2011b). Inventário do Sexismo Ambivalente em Brasileiros: Sua Acurácia Estrutural. *Revista Salud & Sociedad*, 2 (2), 192-201.
- Formiga, N. S. & Camino, L. (2001). A Dimensão do Inventário de Papeis Sexuais (BSRI): A masculinidade e feminilidade em universitários. *Estudos de Psicologia*, 18, (2), 41-49.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Revista Psicologia em Estudo*, 7(1), 105-111.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-521.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist*, 56, 109-118
- Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E.; Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Joreskog, K., & Sörbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.
- Lima, M. E. O. & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudo de psicologia*, 9 (3), 401-411. Recuperado em 20 de novembro de 2014 (página da WEB: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>).
- Mladinic, A., Saiz, J. L., Díaz, M., Ortega, A., & Oyarce, P. (1998). Sexismo Ambivalente en estudiantes universitarios chilenos: Teoría, medición y diferencias del género. *Revista de Psicología Social y Personalidad*, 14, 1-14.
- Moraes, A. (1998). *Direito constitucional*, 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas.
- Oliveira, C. T. F. & Martins, P. E. M. (2009). A hospitalidade e cordialidade brasileira: o Brasil percebido por estrangeiros. *Revista Turismo em Análise*, 20 (2), 196-209. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14181>. Acesso em: 29 Dez. 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v20i2p196-209>.

- Páez, D., Torres, B., & Echebarria, A. (1990). Esquema de si, representación social y estereotipo sexual. Em G. Musitu (Org.), *Procesos psicosociales básicos* (pp. 229-234). Barcelona: PPU.
- pareil. *Personality and social psychology behavior*, 21(8), 842-849.
- Pettigrew, T.F., & Meertens, R.W. (1995). Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.
- Rodrigues, W. W. (2006). O homem cordial brasileiro como produto turístico. *Caderno Virtual de Turismo*, 6(2), 59-64.
- Siano, J. A. (2000). *Constituição da Republica Federativa do Brasil*. São Paulo: Editora Rideel.
- Swin, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S., & Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 199-214.
- Tougas, F., Brown, R., beaton, A. M., & Joly, S. (1995). Neosexism: Plus ça change, plus cest pareil. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21(8), 842-849.
- Vaamonde, J. D. & Omar, A. (2012). Validación argentina del inventario de sexismo ambivalente. *Alternativas em psicologia*, 16(26), 47-58.
- Van de Vijver, F.; Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Recibido: 30 de diciembre del 2014

Aceptado: 20 de febrero del 2015